

# ACTAS DAS XVI JORNADAS SOBRE A FUNÇÃO SOCIAL DO MUSEU

ECOMUSEU DE BARROSO  
IDENTIDADE E DESENVOLVIMENTO

MINOM - Movimento Internacional para uma Nova Museologia



## A TRANSFORMAÇÃO DA PAISAGEM E A CONSTRUÇÃO DE LUGARES DE MEMÓRIA DURANTE A PRÉ-HISTÓRIA RECENTE DO NORTE DE PORTUGAL: O VALE DO ASSUREIRA

Ana M. S. Bettencourt

Departamento de Historia do Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho

### Sumário

Com base no estudo dos vestígios arqueológicos da Pré-História Recente do vale do Assureira efectuámos algumas interpretações sobre a transformação da paisagem e a construção de lugares de memória neste local.

Desde o Neolítico, com a edificação de monumentos *sob tumuli*, até à Idade do Bronze, onde depósitos metálicos se associam à água e a corredores de passagem, que o vale do Assureira parece ter funcionado como lugar mítico, fomentador de memórias e de identidade grupal, para as diversas gerações que entre o IV e os inícios do I milénios AC aí viveram.

Tendo presente que este património se foi perdendo e destruindo, no decorrer do processo histórico, que moldou profundamente a paisagem, propomos o seu estudo e a pertinência da reinvenção do passado, numa perspectiva interdisciplinar, por forma a torná-lo uma mais valia em projectos de desenvolvimento regional.

### Palavras-chave

Norte de Portugal; vale do Assureira; Neolítico à Idade do Bronze; construção da paisagem; criação de memórias e de identidade social; reinvenção do passado e desenvolvimento.

## 1. Introdução

Os trabalhos no vale do Assureira iniciaram-se em Fevereiro de 2003, momento em que procedemos à descoberta, reconhecimento, inventariação e cartografia de diversas estações arqueológicas. Tendo em conta os resultados obtidos, principalmente, em Vilar de Perdizes (S. Miguel), na área fronteiriça do Assureira, ou seja, entre o marco geodésico de Campos e a capela de Santa Marinha programámos novas intervenções arqueológicas de levantamento de arte rupestre e de escavação, efectuadas entre Setembro de 2003 e Setembro de 2004. A investigação foi realizada no âmbito do projecto *Manifestações simbólicas e povoamento, do Neolítico à Idade do Ferro, entre o alto Cávado e o alto Tâmega (Norte de Portugal)* inscrito, numa primeira fase, no Centro de Ciências Históricas e Sociais (CCHS) da Universidade do Minho, e, posteriormente, no Núcleo de Arqueologia da Universidade do Minho (NARPQ). Contou, também, com o apoio da Câmara Municipal de Montalegre, da junta de freguesia de Vilar de Perdizes, do padre António Lourenço Fontes e de alguns populares.

## 2. O vale do Assureira: aspectos físicos e ambientais

O vale do Assureira é uma rede hidrográfica, composta pelo rio do mesmo nome e por inúmeros ribeiros, linhas de água e ribeiras, entre as quais se destaca a da Assureira. É um dos afluentes da margem direita do rio Tâmega integrando, portanto, a bacia de drenagem do rio Douro.

O Assureira nasce na serra do Larouco, e corre, essencialmente, a Norte do concelho de Montalegre, atravessando as freguesias de Gralhas, Solveira, Vilar de Perdizes, na margem norte, e as de Meixedo, Meixide e a zona mais setentrional da freguesia de Sarraquinhos, na margem sul. Passa, igualmente, a oeste do concelho de Chaves, mais precisamente na freguesia de Soutelinho da Raia. Em Espanha, entra na província de Ourense onde desagua no Tâmega.

Desde a nascente até à Ponte de Chaves, o Assureira, corre no sentido Oeste-Este, em vale relativamente aberto. A partir daí, inflecte para Norte, até Refojes, onde toma nova orientação, passando a correr no sentido Sudoeste-Nordeste, servindo, então, como elemento físico de separação entre

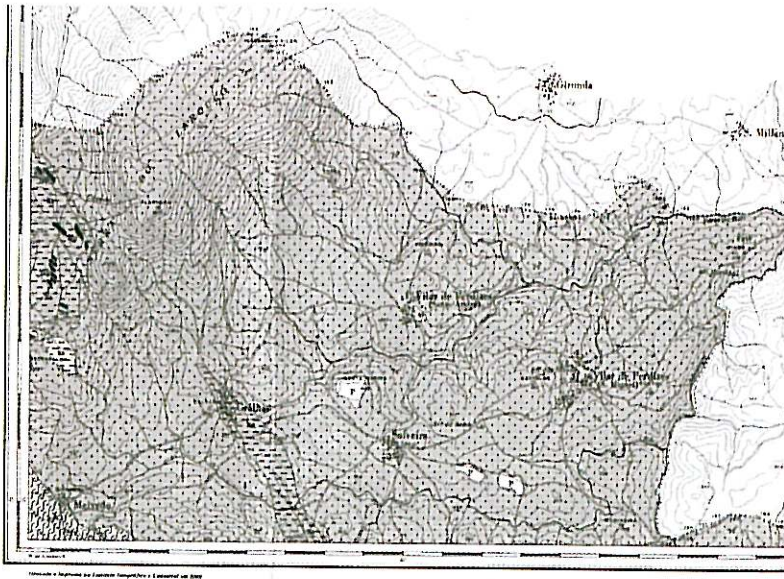


Fig. 1 - Vale do Assureira representado na Carta Geológica de Portugal, n.º 2-D.

Portugal e Espanha. É também, em parte deste percurso, que o rio corre de forma mais encaixada, sobretudo entre o Monte Mião e a capela de Santa Marinha, em Vilar de Perdizes. Já em Ourense toma, de novo, o sentido Oeste-Este até desaguar no Tâmega.

Segundo as Cartas Geológicas de Portugal, n.º 2-D (Fig. 1) e 6-B, o vale do Assureira desenvolve-se numa área onde predominam os granitos alcalinos, de grão média a grosseiro, de duas micas. No entanto, há, no seu percurso, manchas xistentas, encravados no granito, da qual se destaca a de Gralhas, com xistos andaluzíticos e a ocorrência, na zona de Meixedo, de complexos de xistos e de granitos, entre muitas outras manchas de rochas metamórficas, que não vêm assinalados na carta geológica, mas que são visíveis para quem percorre a região. Tais características associam-se, normalmente, a recursos mineiros, como o estanho e o volfrâmio. Este último minério, aliás, foi explorado em Lamago, a Nordeste de Vilar de Perdizes, já na área do vale de Porto do Rei.

O vale do Assureira é uma zona de povoamento concentrado, com uma paisagem alterada pela secularidade das actividades agro-silvo-pastoris (Fig. 2).



Fig. 2 - Vale do Assureira a Norte de Campo de Caparinho.

### 3. Os inícios da transformação da paisagem

A recolha bibliográfica, a prospecção e as escavações, efectuadas no âmbito deste e doutros projectos (FONTES 1992), admitem que o vale do Assureira foi profundamente ocupado, pelo menos, a partir do Neolítico, fase cronológico-cultural em que se terão construído os primeiros monumentos *sob tumuli*, vulgarmente designados por megalíticos. A título de exemplo destacamos os de Chã da Casteleira, em Solveira, necrópole onde se inventariaram 6 monumentos, a mamoa de Cabanas, em Sarraquinhos e o túmulo 1 de Campo de Caparinho, Vilar de Perdizes que escavámos. Este monumento, datado pelo radiocarbono da primeira metade do IV milénio a.C., remonta ao Neolítico Médio/Final (Figs. 3 e 4). Apesar de se encontrar muito destruído foi possível percepcionar que se tratava de uma estrutura de pequenas dimensões, pouco perceptível na paisagem, provida de uma câmara funerária pequena e simples, provavelmente fechada. As suas características construtivas constituem, igualmente, um acervo passível de interpretações sobre o mundo ideológico dos seus construtores na medida em que aqui se verificaram, além de ritos mortuários, cerimónias ligados ao fogo, e, provavelmente, à água,

assim como à simbologia das diferentes rochas e minerais que, intencionalmente, foram escolhidos para a construção do próprio monumento (BETTENCOURT & DINIS, no prelo; BETTENCOURT *et alii*, no prelo).



Fig. 3 - Aspecto da escavação do túmulo 1 de Campo de Caparinho. Na vertical, o único esteio da câmara intacto. Do seu lado esquerdo podemos observar uma "cama" de outro esteio.



Fig. 4 -Lareira encontrada sob o tumulus deste monumento.

Os dados para a fase posterior, ou seja, para o Calcolítico, são ainda muito escassos e, mais uma vez foram detectados em Campo de Caparinho, em Vilar de Perdizes.

Mais precisamente ao Calcolítico Inicial da região deverá integrar-se o pequeno Abrigo da Crista de Caparinho datado, radiometricamente, da segunda metade do IV milénio a.C. Trata-se de um abrigo virado a poente, em xisto, no qual foi gravada a superfície exterior, com covinhas, formando motivos abstractos (gravura 2) (Fig. 5). No interior e nas imediações do abrigo foram depositadas duas mós moventes, intactas, com as faces de moagem em contacto com a terra (Fig. 6).

No mesmo local exumámos alguns fragmentos cerâmicos e líticos, ainda em fase de estudo. Tal poderá encarar-se como uma deposição ritual relacionada com a fertilidade e os ciclos agrícolas, tendo em conta que os moinhos estavam orientados no sentido nascente-poente ou, presumivelmente, no sentido da vida e da morte, numa simbologia representativa do ciclo vegetativo das plantas (BETTENCOURT & DINIS, no prelo; DINIS & BETTENCOURT, em preparação).



Fig. 5 - Gravuras na superfície exterior do pequeno abrigo da Crista de Caparinho.



Fig. 6 - Depósito de moinhos moventes.

Do Neo-Calcolítico poderão ser, também, as gravuras rupestres 1 e 3 e as estelas 1 e 2 detectadas nas imediações do túmulo 1 e do Abrigo da Crista de Caparinho.

A gravura 1 corresponde a um afloramento granítico horizontalizado, com o seu eixo maior orientado de Nor-nordeste para Su-sudoeste. Localiza-se a cerca de 15m para Noroeste do túmulo 1. Aí foram gravadas várias covinhas de diferentes dimensões, por vezes, alinhadas, outras vezes ligadas por sulcos picotados (Fig. 7). É de destacar o aproveitamento de depressões circulares, de origem natural, pré-existentes no suporte rochoso, para a composição final.



Fig. 7 - Aspecto parcial da gravura 1.

A gravura 3 fragmentada, foi usada como material de construção num muro de divisão de propriedade. Tendo em atenção que as fracturas são relativamente recentes, apresentando arestas vivas e uma patine distinta da superfície gravada, é de crer que esta tenha sido deslocada do seu contexto original, que poderia ser muito maior. Assim, a configuração actual do suporte desta gravura não deve ser valorizado. Actualmente, a superfície gravada, por



picotagem, está disposta na vertical e virada a sul. Nela, podemos observar uma sucessão de 3 círculos, no canto superior e, mais abaixo, uma ligeira depressão circular. No canto superior esquerdo, denota-se uma gravura em V invertido (Fig. 8).



Fig. 8 - Gravura 3 inscrita num muro de propriedade.

O que designámos por estela 1 corresponde a uma laje de granito, de grão fino, detectada, igualmente, num muro de divisão de propriedade, a cerca de 100m para Nordeste do túmulo 1 e a Este da gravura 1. De contorno sensivelmente oval apresenta uma face lisa, uma face com duas covinhas, tendo uma delas sido construída em zona intensamente polida e uma face lateral com uma covinha (Fig. 9).

A estela 2, de contorno sub-triangular e aparentemente lisa, foi encontrada no mesmo muro onde se registou a gravura 3.

Como hipótese de trabalho não podemos descartar deixar de pensar na possibilidade destas duas estelas terem sido provenientes de monumentos megalíticos, existentes na área, mas completamente desmantelados pela intensidade dos trabalhos agrícolas, como o sugerem alguns esteios reaproveitados em muros.



Fig. 9 - Estela 1 encontrada num muro de propriedade.

No Calcolítico Final/Bronze Inicial do vale do Assureira apenas podemos integrar o Penedo do Matrimónio (gravura 4 de Campo de Caparinho) onde uma representação masculina e outra feminina, com os respectivos órgãos sexuais expressos de forma exuberante, indiciam rituais associados à fertilidade humana (Figs. 10, 11 e 12). Estes inferem-se, igualmente, pela existência de uma depressão rectangular, no suporte rochoso, adossada ao painel gravado. Este tipo de depressão, que designámos por “cama sugerida”, expressão usada na vizinha Galiza para contextos similares, é única nos afloramentos da zona o que, provavelmente, terá contribuído para a sua escolha, como local particularmente simbólico.

O estudo do contexto destas gravuras permitiu-nos, ainda, estabelecer conexões entre a fertilidade humana, a água, o sol e a lua.

Este local, relativamente escondido na vertente encaixada a oeste do rio Assureira, tem o ruído das águas como elemento omnipresente. A relação com o Sol faz-se pela localização da “cama sugerida”, orientada de Nascente para Poente. A associação lunar verifica-se durante a Lua cheia quando o luar incide directamente sobre a “cama sugerida”. Tal situação ocorre pelo facto desta parte da rocha conter maior quantidade de mica como mineral constituinte, tornando-se, por isso, mais clara e brilhante com o luar.



Fig. 10 - Pormenor do Penedo do Matrimónio.

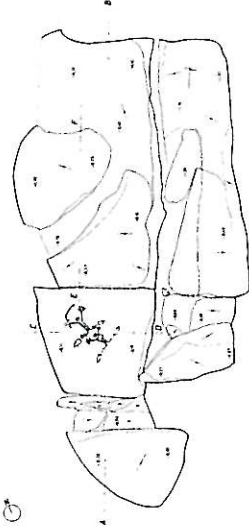


Fig. 11 - Planta geral do Penedo do Matrimónio.

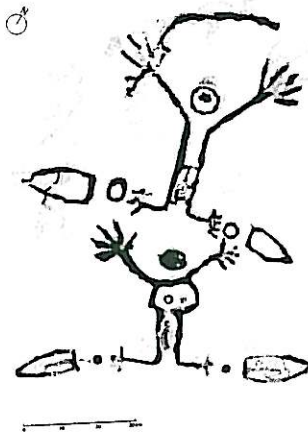


Fig. 12 - Desenho das gravuras pré-históricas do Penedo do Matrimónio.

Tendo em conta as características deste local ele poderá considerar-se um espaço emocional onde, a par de rituais de fecundidade, se efectuariam pedidos especiais. Tal, é sugerido pela posição dos braços erguidos, pelas mãos das personagens e pelo facto das figuras parecerem estar ajoelhadas, eventuais indicadores de orantes que invocariam as forças vitais da natureza (BETTENCOURT 2004; BETTENCOURT *et alii* 2004; BETTENCOURT & DINIS, no prelo).

Talvez dentro deste mesmo mundo ideológico se possa incluir o “esteio grosseiramente antropomórfico”, que jazia tombado, ao lado do Penedo do Matrimónio, pelo lado Sul. Trata-se de um monólito de granito com duas depressões ovais naturais, na parte superior. Estas foram intencionalmente polidas talvez numa representação estilizada de seios ou de olhos (Fig. 13).



Fig. 13 - Esteio ligeiramente antropomórfico detectado nas imediações do Penedo do Matrimónio.

O esteio granítico, gravado por picotagem, com símbolos abstractos e naturalistas e com sobreposições, é de inserção cronológico-cultural mais difícil. Foi detectado num muro de divisória de propriedade, também nas cercanias do Penedo do Matrimónio (Fig. 14).

A gravura 5 de Campo de Caparinho, também é de cronologia incerta. Fica a alguns metros para Nordeste do Penedo do Matrimónio, mas a cota inferior. No topo e início da pendente de um afloramento granítico, de disposição vertical, foram efectuados dois sulcos, por picotagem, que derivam de uma covinha. No patamar inferior da pedra, ocorrem novos sulcos dando a impressão de estarem interligados com os mais elevados fazendo pressupor que este local estaria relacionado com cultos associados à manipulação de substâncias líquidas.



Fig. 14 - Esteio gravado com símbolos abstractos encontrado na proximidade do Penedo do Matrimónio.

A ocupação da Idade do Bronze no vale do Assureira também é escassa mas documenta-se, pelo menos, em dois locais distintos: no Outeiro de Caparinho ou Poula de Vila Marim, Vilar de Perdizes e em Vale Travesso, em Solveira.

O Outeiro de Caparinho ou Poula de Vila Marim, fica num remate de esporão dos planaltos de Campos, sobranceiro ao túmulo 1, às gravuras 1 e 3 e às estelas 1 e 2 de Campo de Caparinho e com grande domínio visual sobre o vale do Assureira. A ocupação da Idade do Bronze documenta-se, apenas, por espólio cerâmico de superfície, pois as sondagens arqueológicas aí realizadas, em 2003, quer na plataforma superior, quer numa plataforma da vertente alta, não permitiram detectar o contexto do material de superfície.

Curiosamente, há pastores que afirmam existir uma gravura, num afloramento aplanado da vertente este deste local, com representações figurativas de cavalos e armas, motivos eventualmente integráveis na Idade do Bronze. Apesar da prospecção intensiva, ainda não foi possível detectá-lo, podendo estar soterrado.

O achado de Vale Travesso, em Solveira, foi encontrado na margem sul do Assureira, na proximidade de uma linha de água que, correndo no sentido Sul-Norte, forma uma verdadeiro corredor de ligação entre as terras do vale e

da montanha. É composto por uma fúrcula ou garfo, por um machado de talão de dupla argola e por duas pontas de lança, artefactos, todos eles acabados e de boa qualidade, o que indicia a sua utilização simbólica (Fig. 15). A fúrcula associa-se, normalmente, ao banquete ritual, ou seja à dádiva. O machado e as pontas de lança, frequentemente relacionadas com a ideologia guerreira, poderão constituir verdadeiros símbolos de protecção ou de poder. Assim sendo, a amortização de peças com tal valor social deverá interpretar-se como fazendo parte de um depósito votivo e não de um depósito destinado à refundição. Partindo deste pressuposto é curiosa a associação de objectos que expressam poder e dádiva com a água e os lugares de passagem facto que, sendo recorrente em depósitos da Idade do Bronze, indicia uma cosmogonia que sacraliza ou venera determinados elementos e características da natureza.



Fig. 15 - Achado metálico da Solveira (seg. Costa 1963).

#### 4. A construção da identidade e da memória durante a Pré-História Recente no vale do Assureira

Tendo em conta as descobertas efectuadas e as interpretações que sobre elas se realizaram parece plausível admitir que, durante a Pré-História Recente, o vale do Assureira foi sendo ocupado por comunidades que, pau-

latinamente, o vão transformando, tornando-o um lugar onde a ritualização da vida diária está patente nos inúmeros testemunhos aí deixados.

Numa primeira fase de ocupação deste espaço, ou seja, no Neolítico, as evidências e os ritos associam-se a práticas mortuárias, através da construção de uma arquitectura monumental que, mais do que simples lugares funerários, constituem verdadeiros cenários artificiais condicionantes e normalizadores da circulação no espaço, conferindo-lhe novos sentidos.

Desde cedo (no Neolítico e no Calcolítico) estas manifestações deram lugar ou coabitaram, pelo menos parcialmente, com sítios construídos através do reaproveitamento de elementos da natureza onde a fertilidade humana e vegetal foi celebrada, numa profunda interação com o meio natural. Tal é o que se pode observar no Penedo do Matrimónio e no Abrigo de Caparinho, respectivamente.

Já nos finais da Idade do Bronze, os lugares “especiais” tendem a uma total imperceptibilidade no espaço notando-se, igualmente, uma transformação do mundo ideológico. Agora, assistimos a uma iconografia que enfatiza o poder e a capacidade de dádiva, de forma mais individual, talvez numa manifestação de tentativa de controlo de elementos como a água e o território, através do depósito de artefactos de grande valor social, em locais de passagem.

Em resumo, durante a Pré-História Recente (IV a inícios do I milénios a.C.), o vale do Assureira parece ter funcionado como um vasto lugar mítico, cerimonial, onde a perpetuação de ritos, durante várias gerações, terá permitido a construção de memórias e de identidades grupais, hoje, desaparecidas, transmutadas e ainda mal conhecidas.

Chegado e este ponto seria interessante interrogarmo-nos sobre o que fazer com esta paisagem milenar, cheia de histórias, de sentidos e de modos de vida, ou seja, como articular passado e presente?

Se durante muitos anos o passado, sobretudo o património milenar, foi visto como algo apenas associado à cultura e sem qualquer interesse económico, na conjuntura actual parece-me extremamente importante que as comunidades e as instituições locais, municipais, regionais e da tutela, em conjunto com as universidades viabilizem projectos onde a recriação de memórias e a reinvenção do passado possam fomentar novos fenómenos de identidade que, integrados em planos estratégicos de turismo sustentado, possam constituir a base de novas formas de desenvolvimento sócio-cultural e económico.

## Bibliografia

- BETTENCOURT, A. M. S. (2004). "Um caso paradigmático de património arqueológico e antropológico na fronteira de Portugal e Galiza", *Actas do II.º Congresso Internacional Investigação e Desenvolvimento Sócio-Cultural*, Associação para a Investigação e Desenvolvimento Sócio-Cultural (AGIR), Paredes de Coura, publicado em CD-ROM com a referência BETTENCOURT.PDF.
- BETTENCOURT, A. M. S. & DINIS A. P. (no prelo). "Arquitecturas e transformação de espaços naturais na Pré-História Recente do Norte de Portugal: Campo de Caparinho, Vilar de Perdizes", *IV.º Congresso Peninsular de Arqueologia*, Ed. (ADECAP) e Universidade do Algarve.
- BETTENCOURT, A. M. S., DINIS A. P. & LOUREIRO, L. (no prelo). "O Túmulo 1 de Campo de Caparinho", Vilar de Perdizes (Norte de Portugal), *Estudos Pré-Históricos*, 13, Viseu.
- BETTENCOURT, A. M. S., SANCHES, M. J., DINIS, A. P. & CRUZ, C. (2004). "The rock engravings of Penedo do Matrimónio in Campo de Caparinho, Vilar de Perdizes, Montalegre (Northern Portugal)", *Journal of Iberian Archaeology*, 6, Porto, ADECAP, pp. 61-82.
- COLMENERO, R. (1991). "As insculturas de Capariños (Vilar de Perdizes, Portugal)", *Larouco*, 1, pp. 147-149.
- COSTA, J. G. (1963). "Achado arqueológico encontrado em Solveira, conce lho de Montalegre", em Abril de 1961, *Lucerna*, 3, Porto, pp. 119-125.
- \_\_\_\_\_. (1968). *Montalegre e Terras do Barroso*, Ed. Câmara Municipal de Montalegre, Braga.
- DINIS A. P. (em preparação). O sítio Neo-Calcolítico da Crista de Caparinho, Vilar de Perdizes, Montalegre (Norte de Portugal).
- FONTES, A. L. (1990a). "Pedras que falam", *Notícias do Barroso*, 95, Setembro, pp. 1.
- \_\_\_\_\_. (1990b). "Roteiro monumental", *Notícias do Barroso*, 105, Setembro, pp. 4.
- \_\_\_\_\_. (1992). *Inventário de sítios e achados arqueológicos do concelho de Montalegre*, Ed. CCRN, Porto - policopiado.
- TEIXEIRA, C. & ASSUNÇÃO, C. T. de (1970). *Carta geológica de Portugal na escala de 1/50 000. Notícia explicativa da folha 2-D. Vilar de Perdizes*, Ed. Serviços Geológicos de Portugal, Lisboa.